

Editorial v. 30, n. 1 (2018) - “Fractal 30 anos!”

Fractal: Revista de Psicologia completa, com esse volume, trinta anos de publicação ininterrupta. Trinta anos! Trinta anos de história! Trinta anos de luta! Trinta anos de interlocuções no cenário da psicologia brasileira! Trinta anos de parcerias nacionais e internacionais! Trinta anos de existência, sustentados por um coletivo de professores do Departamento de Psicologia da UFF! Trinta anos de intervenções na psicologia brasileira! Trinta anos de vida! Trinta anos!

Se a data comemorativa nos leva a repetir essas palavras – trinta anos!, à escarpela do que prega a norma culta da língua portuguesa, é porque há, justamente, a insistência de algo que pulsa, que vibra, insiste, repete-se sem ser idêntico, no curso de todos esses anos. São trinta anos nos quais *Fractal* segue qual esperança equilibrista, caminhando sobre a corda bamba. Equilibrista, porque fruto de uma universidade pública federal, *Fractal* é também, como nos lembrou Regina Benevides,¹ professora e chefe do Departamento de Psicologia à época do nascimento de *Fractal*, em 1989, um analisador dos movimentos e crises pelos quais passou e passa a universidade pública, o ensino superior público no Brasil. Da escassez de recursos às exigências impostas verticalmente por instâncias avaliadoras e reguladoras da produção científica no Brasil, a sustentação de um periódico como *Fractal* não é tarefa de pouca monta. Equilibrando-se, *Fractal* tem seguido adiante na afirmação do que é o compromisso do coletivo do Departamento de Psicologia da UFF: compromisso irrevogável com a universidade pública, gratuita, socialmente referenciada. *Fractal* é assim, ao mesmo tempo, uma publicação científica e uma estratégia de intervenção social e política. O que agita e pulsa nas linhas desses 30 anos de luta, de vida e de passos sobre a corda bamba são esses compromissos: com o conhecimento científico e com composição do *socius*. É essa a amarração tensa – entre ciência e sociedade, entre ciência e política – que faz de *Fractal* um periódico do Departamento de Psicologia da UFF, um periódico que se firma no cenário da Psicologia Brasileira.

Em seu escopo editorial, a Revista compromete-se a publicar textos que acusem reflexão sobre a subjetividade, seja no campo da psicologia, seja no domínio das intercessões entre a psicologia e outras áreas do conhecimento, sempre reconhecendo a multiplicidade de perspectivas como força propulsora do pensamento. É com o campo dos estudos da subjetividade que *Fractal* se compromete e é este, precisamente, o fio condutor que reúne as pesquisas realizadas pelos docentes do departamento de Psicologia da UFF, tanto na graduação, quanto na pós-graduação, com diferentes matizes teórico-metodológicos. A consolidação desse espaço de interlocução no cenário da psicologia brasileira tem contado, sem dúvida, com a participação de *Fractal*. Desse modo, a Revista, que nasceu batizada como Revista do Departamento de Psicologia da UFF e foi renomeada, quando do seu aniversário de vinte anos, para *Fractal: Revista de Psicologia*, segue adiante, atuando e intervindo na psicologia brasileira, sem jamais perder as marcas de sua localização: os estudos da subjetividade. Por certo, no percurso de vida de *Fractal* sua outra localização também não se apagou jamais: é fruto de uma universidade federal brasileira, financiada, portanto, a duríssimas penas, com escassas e parcas verbas públicas.

As conquistas desses 30 anos nos levam, assim, a seguir na luta por esse periódico, nos levam a seguir na luta pela multiplicidade epistemológica dos estudos da subjetividade e, ao mesmo tempo, pela existência da universidade pública, gratuita e de qualidade. Não tem sido um percurso fácil, nem para nós, professores do Departamento de Psicologia da UFF que insistem na aposta por *Fractal*, nem para nós, pessoas comprometidas com o ensino público. Não foram poucas as vezes que *Fractal* bambeou frente às sucessivas estratégias de desmonte da universidade pública que se põem em andamento através de sucessivos cortes de verbas para educação, ciência e tecnologia. Se *Fractal* fez jus a um dos substantivos comuns que lhe nomeia – um periódico – é porque há um coletivo insistindo, dia após dia, por trinta anos, para que a revista siga periodicamente a nos lembrar, a todos e todas nós, que a universidade é pública, o ensino é gratuito, a pesquisa e a extensão são indissociáveis do ensino, a psicologia é uma ciência comprometida com a composição de uma sociedade mais justa, mais democrática, mais plural. É esse o chamado periódico que *Fractal* nos tem feito. É para esse chamado que convidamos os leitores e leitoras desse número da Revista, dos anteriores e dos próximos, pelos 30 anos ou mais que virão pela frente. É essa nossa teimosa esperança equilibrista que nos faz persistir por esses trinta anos! *Fractal: Revista de Psicologia*: presente!

Nesse fascículo, que celebra a data, os leitores e leitoras encontrarão sete artigos. O primeiro, “Percepções e informações das mães sobre a cirurgia de seus filhos”, de autoria de Camilla Volpato Broering e Maria Aparecida Crepaldi, situa-se na interface entre a psicologia e a saúde, e investiga os efeitos das informações das mães quando das cirurgias eletivas de pequeno porte em seus filhos.

Na sequência, Lea Silveira parte da questão “A psicologia é sua própria crise?” para retomar a discussão epistemológica sobre a psicologia como saber moderna, a partir das contribuições de Canguilhem e Foucault.

O terceiro trabalho, “Programa Nacional de Inclusão de Jovens: possibilidades e contribuições na perspectiva dos adolescentes participantes”, assinado por Caroline Cristine de Arruda Campos e Ilana Lemos de Paiva, visa discutir o processo socioeducativo do Programa Nacional de Inclusão de Jovens, na cidade de Natal (RN). No texto, as autoras tecem considerações acerca das relações da psicologia com a política pública de assistência social.

¹ Cf. Editorial. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20, n. 1, 2008, disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000100001>

“Narrativas da docência: dimensão sensível do trabalho de professores e pesquisadores” é o título do artigo assinado em coautoria por Maria Elizabeth Barros de Barros, Janaína Madeira Brito e Ozilene Pereira Clemente. Lançando mão de metodologia inspirada em Walter Benjamin, as autoras se aproximam do campo da Educação, tomando a narrativa como modalidade de pesquisa-intervenção para tecer reflexões sobre o trabalho de docentes e pesquisadores.

Sandra Raquel Santos de Oliveira é autora do trabalho “O humano, o pastorado e a psicologia” que, tomando por base o pensamento de Foucault, destaca possíveis convergências entre algumas práticas da Psicologia em contextos institucionais e o pastorado, como dispositivo de poder. Trata-se de um trabalho que se debruça sobre certos efeitos de subjetivação como efeitos de exercícios de saber-poder: são subjetivações essencializadas e unificadas o que aí se encontra. Que lugar para as práticas psi?, é o que o texto nos leva a perguntar.

No penúltimo artigo desse fascículo, intitulado “A emergência da reação estética da criança na atividade musical”, assinado por Zoia Ribeiro Prestes, Elizabeth Tunes, Patrícia Lima Martins Pederiva e Carla Terci, a perspectiva histórico-cultural é tomada como referência para estudar a emergência da reação estética da criança a partir dos sete anos de idade.

Por fim, sétimo e último artigo, “A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da *Revista Sentidos*: inclusão ou estigma?”, Karla Garcia Luiz e Adriano Henrique Nuernberg colocam em cena uma discussão sobre a profusão de imagens de pessoas no contemporâneo, especificamente, analisando fotografias de pessoas com deficiência que figuram nas capas da *Revista Sentidos*. O enfoque que fundamenta a pesquisa é o do modelo social da deficiência, o que permite aos autores analisarem as tensões entre os significados da deficiência veiculados nas capas da Revista e as transformações político-sociais que marcam esse grupo.

Convidamos vocês à leitura de mais esse número de *Fractal*! Leiam e celebrem conosco! Vida longa à *Fractal*: tim tím!

Marcia Moraes